

Resenha

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes; Maceió: Edufal, 2013, 202p., ISBN: 978-85-326-4637-8.

Ismael de Vasconcelos Ferreira¹

Na busca por um material que me auxiliasse na pesquisa de campo de minha tese, deparei-me com um texto aparentemente simples e objetivo, mas que em seguida se revelou em um importante guia não só para a pesquisa de campo, mas para a elaboração do texto da tese. O título do livro não tem tanto apelo metodológico, a não ser pelo subtítulo, mas atrai desde logo pelo desafio de se trabalhar de forma mais livre, sem prejuízo à temida e por vezes fatídica metodologia que insiste em assombrar aqueles que lidam com a ciência.

“A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo” tem o mérito de ser um livro de metodologia científica, mas sem o peso que normalmente esses livros trazem, no sentido de se atentar para normas e padrões. O autor, Jean-Claude Kaufmann, um sociólogo especializado em estudos sobre casais e a vida cotidiana, traz neste livro importantes aspectos que parecem ter sido deixados de lado nas pesquisas de campo realizadas no âmbito das ciências humanas. A princípio, ele critica a forma como a sociologia vem tratando suas pesquisas, fazendo interpretações rudimentares de dados qualitativos que servem apenas para demonstrar analítica e pragmaticamente uma face (por vezes não tão significativa) de uma situação social. Ele chama isto de “industrialização da sociologia” (p. 31).

Em contrapartida, o autor defende a figura do “artesão intelectual” (p. 33) que seria aquele pesquisador que não se contenta apenas em acumular informações e descrevê-las. Pelo contrário, o pesquisador precisa compreender a realidade do seu entrevistado participando desta mesma realidade. Para isso, o autor faz uma nova crítica, desta vez à formalização científica que por vezes cerceia o ato da entrevista, transformando-a em um momento frio e vazio, mas que acredita-se ser necessário a fim de não haver influências do entrevistador

¹ Mestre e Doutorando em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista Capes. E-mail: ismaelvasconcelos@yahoo.com.br

sobre o entrevistado. Assumindo que a entrevista é a principal ferramenta de trabalho daqueles que buscam produzir conhecimento teórico, sobretudo nas ciências humanas, o autor trata de retirar de cima dela aquela pecha de formalismo que despersonaliza o ato da entrevista, ou seja, “à não personalização das perguntas ecoa a não personalização das respostas” (p. 39). Nesta dinâmica, o entrevistador, que ainda se pauta pelo distanciamento do informante, acredita estar recebendo as informações mais precisas e que se coadunam com suas hipóteses. No entanto, o tratamento desse “material asséptico” (p. 39) não capta as reais motivações do informante, haja vista não estar envolvido, não ter sentido confiança no entrevistador e encarar esse momento como algo necessário, mas sem grande importância.

A seguir, o autor ressalta que esta dinâmica se dá pelo fato de o pesquisador encarar o campo como “mais uma instância de verificação de uma problemática preestabelecida” (p. 44). A questão é que, se se deseja, de fato, produzir um conhecimento teórico satisfatório, o campo não deve ser visto como uma variável secundária onde os problemas e hipóteses do pesquisador serão validados, mas exatamente o local onde esses problemas e hipóteses terão início. Acontece que o senso comum trata de tornar o campo algo estático, onde as pessoas seriam simples agentes portadores de estruturas e que bastaria constatar a validade dessas estruturas para se chegar a uma conclusão científica. Mas, na perspectiva do autor, que defende o processo compreensivo, é preciso entender as pessoas como “depositárias de um saber importante que deve ser assumido do interior, através do sistema de valores dos indivíduos” (p. 47). Para tanto, a entrevista compreensiva proporciona não a afirmação do entrevistador, onde ele, além de comandar aquele momento, estabelece uma barreira hierárquica com o informante, mas sim um momento de compartilhamento, bem mais próximo a uma “conversa” entre duas pessoas dispostas a dividir um conhecimento, uma ideia. Nisto, conforme afirma o autor, “o informante se surpreende por ser ouvido profundamente e se sente elevado, (...) a um papel central. Ele não é vagamente interrogado a respeito de sua opinião, mas por aquilo que possui, um saber precioso que o entrevistador não tem.” (p. 80).

Diante desta proposta de atuação para o pesquisador, o autor dispensa a necessidade da elaboração de dezenas de perguntas a serem feitas ao informante. Neste caso, cabe ao entrevistador, ciente do método compreensivo,

conduzir a “conversa” a partir dos pontos que deseja alcançar, sabendo que dessa conversa poderá sair a melhor pergunta a ser feita, haja vista partir daquilo que acabou de ser dito pelo informante (p. 81).

Além de propor o método compreensivo para o implemento de entrevistas em pesquisas de campo, o autor também ressalta a necessidade de se começar, o mais breve possível, o trabalho de campo. Isto por considerar que, enquanto o pesquisador não tem conhecimento da realidade dos seus informantes, não pode dar seguimento ao processo de construção de conhecimento. Assim, quanto mais cedo houver a incursão no campo, mais rápido poderá elaborar suas perguntas e hipóteses e, na medida em que for “conversando”, amadurecerá ainda mais sua compreensão acerca dessas perguntas e hipóteses, preparando o caminho para a produção do conhecimento teórico que advirá da pesquisa.

O autor ainda dá instruções sobre como lidar com a dinâmica do campo. Baseado em dois trabalhos que realizou utilizando o método da entrevista compreensiva, ele ajuda o pesquisador a vivenciar situações por vezes difíceis de resolver durante a entrevista, como o aparente desinteresse do informante em prestar informações. Para isso, ele traz uma discussão acerca do por que as pessoas falam, estimulando o pesquisador a lançar mão de meios que deixem o informante mais livre. Uma dessas instruções é a abertura ao humor e à descontração haja vista que “eles permitem quebrar o espírito de seriedade sem deixar de trabalhar seriamente” (p. 101).

Mantendo a proposta metodológica, o autor também discute acerca do tratamento do material adquirido durante as entrevistas. Existe um senso comum que defende a necessidade de se transcrever toda a entrevista para depois analisá-la, estudá-la, a partir da transcrição. O autor não condena tal método, contudo ressalta que prefere atentar para as gravações, ouvindo quantas vezes forem necessárias e se concentrando em momentos onde o informante demonstra mais verdade e vontade de “se abrir”. Por vezes, esses momentos não são nem de fala, mas de ruídos que, em uma transcrição, tendem a ser esquecidos. Nisto, ele põe de lado o mero exercício de se extrair e ordenar as informações da gravação. Na verdade, ele busca um aprofundamento intenso nos dados, fazendo com que uma simples frase fale mais do que se disse, conforme o próprio autor afirma: “é preciso fazer os fatos falarem, encontrar indícios, se interrogar a respeito da mínima frase” (p. 115). Nisto, o pesquisador estará, de

fato, produzindo um conteúdo teórico não a partir de um modelo estruturado anteriormente, mas “pela utilização de categorias nativas”, mais próximas do cotidiano de quem lhe forneceu as informações, ou seja, mais próximo daquela realidade.

Mas para que isso aconteça, o autor ressalta que o pesquisador deve deixar de lado a velha necessidade de classificar tudo o que vê e ouve. A propósito, o autor salienta que para a entrevista compreensiva realmente acontecer, é necessário que o pesquisador aguçe seus ouvidos e atente muito para o que é dito, mesmo em silêncio, haja vista considerar que o silêncio também fala. E assim, nesse exercício de “escutatória”, o pesquisador deixaria de fazer associações mentais enquanto ouve o informante e passaria a utilizar aqueles dados como instrumentos, ou seja, o exercício de classificar algo que o informante disse seria menos oneroso e mais rápido, porém, para se chegar à produção teórica, é preciso ir mais além, quer dizer, pensar a partir das próprias estruturas do informante. É claro que este método torna-se mais difícil, mas é este o desafio que o autor propõe àqueles que desejam fazer uma boa pesquisa de campo.

Por fim, o autor ainda dá dicas sobre como concluir o processo da pesquisa de campo, preparando o texto para o trabalho a ser apresentado. Para ele, “o ideal seria poder redigir uma pesquisa como um romance clássico, cujo fio não seria uma história, mas a sequência dos argumentos, perfeitamente interligada e cheia de surpresas e sobressaltos” (p. 171). Ora, tal afirmação parece não condizer com o que já há muito foi prescrito para a academia, acerca da produção de conhecimento. Mas é esta a proposta do autor, ou seja, tornar o conhecimento menos técnico e mais compreensivo, mais próximo da realidade humana, ainda que sem deixar de lado as métricas que a metodologia utiliza para a padronização dos trabalhos a serem apresentados, mas sem torná-las o centro do processo.

Creio que o livro em questão traz uma importante contribuição aos estudos que se amparam nas ciências humanas e, no meu caso, à ciência da religião, haja vista esta estar imbuída de analisar as estruturas humanas em seu aspecto mais existencial, de produção de sentido. Assim, este livro trata-se uma literatura imprescindível para quem deseja ir mais além em suas pesquisas de campo, explorando cada espaço do mundo em que vive o informante.